



O PRESIDENTE FERNANDO Henrique, na chegada ontem à tarde a Montevidéu, no Uruguai, para visita oficial de três dias. No Brasil, disputas por palanques da reeleição dividem partidos

20 Competição na base ameaça implodir aliança

Partidos governistas já medem bancadas e operam de olho em 2002, quando será cada um por si

Maria Lima

• BRASÍLIA. Faltando um ano e meio para o pleito de 1998, quando esperam reeleger Fernando Henrique Cardoso, líderes dos três maiores partidos governistas — PSDB, PFL e PMDB — começam a ter cada vez mais dificuldades de convivência. O objetivo comum não impede uma disputa palmo a palmo para aumentar as bancadas e eleger o maior número possível de governadores.

Os partidos da base governista enxergam longe. Eles já trabalham com os olhos voltados para 2002, quando vai se dar o que consideram ser o embate mais complicado: a sucessão de Fernando Henrique. Aí será cada um por si e Deus por todos, pois cada partido deverá ter seu candidato.

Sucessão nos estados vai ser decisiva para o pleito de 2002

Mesmo sabendo que precisam primeiro reeleger Fernando Henrique, PSDB, PFL e PMDB já estão em campo trabalhando o projeto de poder para 2002. Confiando num bom desempenho do presidente em 98, o ministro Sérgio Motta afirma que o PSDB fará uma bancada de mais de 200 deputados nas próximas eleições. O líder do PFL na Câmara, Inocêncio de Oliveira (PE), põe em dúvida o poder de fogo dos tucanos:

— Nosso partido vai manter Marco Maciel na chapa de Fernando Henrique em 98. E o maior beneficiado será o próprio PFL, que fará dez governadores e 140 deputados. Serjão diz que o PSDB vai fazer 200 deputados, mas não vai nunca! Vamos ficar pau a pau. Essa representatividade do PFL vai ser a base da candidatura de Luís Eduardo Maga-

lhães em 2002. Ele começa em 98 como governador da Bahia e se fortalece com a quantidade de governadores, deputados e prefeitos que vamos eleger.

Mais cauteloso, o líder do PMDB, Geddel Vieira Lima (BA), prefere não arriscar números, mas garante que o partido disputará de igual para igual com os demais da base governista. O deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), presidente da CCJ e integrante do

grupo do presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), vai adiante:

— Sempre se faz muita propaganda antes das eleições: que o partido tal vai fazer tantos deputados, que outro vai eleger tantos governadores. Mas quando as urnas são abertas é o PMDB que faz o maior número de deputados, governadores e prefeitos.

Alheio à briga entre PFL e PSDB, o PMDB começa uma operação para unir

o partido e disputar em igualdade de condições um espaço na chapa majoritária. Enquanto o PFL anuncia a disposição de manter a chapa FH-Maciel, dirigentes do PMDB advertem que ainda não têm decisão sequer sobre o apoio a Fernando Henrique, quanto mais sobre a aceitação de Maciel como vice. A tendência hoje é apoiar a reeleição de Fernando Henrique, mas Geddel enumera condicionantes para que isso se confirme. Um deles é o comportamento do Governo nas disputas regionais em 98:

— Tudo vai depender da sucessão nos estados e de uma participação efetiva nossa na formulação das políticas de governo, o que hoje não acontece. O presidente também deve deixar claro que não vai tomar partido nas disputas entre os aliados nos estados.

Deputado se queixa de "interinidade de seis meses" do PMDB

As ressalvas quanto ao comportamento do presidente vêm também de Eduardo Alves.

— O PMDB é o único partido do Governo que está na interinidade há seis meses. O presidente precisa deixar claro se quer ser nosso parceiro de verdade. O ano de 98 não vai ser só o da reeleição do presidente, mas também da eleição de governadores. Como vai ser a disputa nos estados? — indaga.

Ao largo do processo de aprovação das reformas na Câmara e no Senado, todos os partidos já tratam de se fortalecer. O PMDB reconhece que tem de trabalhar muito para participar da guerra do PFL com o PSDB de igual para igual. Motta, por sua vez, já avisou que a partir de julho vai percorrer o país para reestruturar o PSDB. ■